

JOHN LOCKE

ALGUNS PENSAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO

Tradução, apresentação e notas:
Avelino da Rosa Oliveira
Gomercindo Ghiggi

Parte 11 — (§§ 147-160)¹

§. 147. Talvez vos surpreenda que eu coloque o *aprendizado* em último lugar, especialmente se vos disser que o considero a parte menos importante. Isto pode parecer estranho na boca de um homem letrado. E o paradoxo faz-se ainda maior, uma vez que o aprendizado é costumeiramente considerado a faina mais importante, senão a única, e é quase exclusivamente nisto que as pessoas pensam quando falam em educação. Quando reflito sobre quanto alvoroço é feito por um pouco de *Latim e Grego*, quantos anos são gastos nisto, que barulho e que atividade se fazem para um propósito nulo, dificilmente posso deixar de pensar que os pais das crianças ainda vivem com medo do látego dos mestres-escolas, que eles consideram o único instrumento de uma educação que tem em uma ou duas línguas toda a sua tarefa. De que outro modo é possível que uma criança seja acorrentada aos remos por sete, oito ou dez dos melhores anos de sua vida, a fim de adquirir uma ou duas línguas que, a meu juízo, poderia aprender com muito mais economia de tempo e esforço, quase brincando?

Escusai-me, pois, se disser que não posso pacientemente achar que um jovem cavalheiro deva ser posto num rebanho e conduzido com látego e açoites, como se, no curso das diversas classes, tivesse que atravessar uma passagem estreita *ad capiendum ingenii cultum*.² Perguntareis, então: dese-

¹ A publicação da tradução foi iniciada na edição n.13, 1999, neste Cadernos de Educação. (N.T.)

² "... a fim de receber o cultivo da mente ...". Passagem extraída de *Noctes Atticae* (I, II, 1), obra única de Aulus Gellius (130-180 d.C.).

jas, porventura, que ele não saiba ler e escrever? Deverá ser mais ignorante que o clérigo de nossa paróquia, que toma *Hopkins* e *Sternhold*³ como os melhores poetas do mundo, e os torna ainda piores do que são, através de sua leitura enfadonha? Não é assim; não vos apresseis, suplico-vos. Admito que ler, escrever e *aprender* são necessários, entretanto, não são a tarefa principal. Imagino que julgaríeis deveras tolo aquele que não valorizasse um homem virtuoso e prudente infinitamente mais do que um grande erudito. Não é que eu não considere o *aprendizado* um grande auxílio para a virtude e a prudência de mentes bem dispostas; entretanto, é preciso também reconhecer que em outros, não tão bem dispostos, apenas ajuda a serem homens piores e mais tolos. Digo isto a fim de que, quando pensardes sobre a criação do vosso filho e estiverdes à procura de um mestre-escola ou de um tutor, não tenhais em vosso pensamento apenas o *Latim* e a *Lógica*. É necessário que haja *aprendizado*, mas em segundo lugar, apenas como subserviente de qualidades maiores. Buscai alguém que saiba como conformar suas atitudes com circunspeção. Colocai-o em mãos através das quais possais, tanto quanto possível, manter sua inocência, acalentar e alimentar as boas inclinações, bem como ternamente corrigir e extirpar as más, estabelecendo nele bons hábitos. Este é o ponto principal e, uma vez provido, o *aprendizado* pode ser conquistado por acréscimo e, a meu juízo, com custos bastante cômodos, através de métodos que podem vir a ser considerados.

§. 148. Quando ele puder falar, será hora de começar a aprender a ler. Com relação a este ponto, entretanto, concedei-me aqui a oportunidade de novamente inculcar algo que facilmente tende a ser esquecido, a saber, que é preciso muito cuidado para que a leitura nunca seja tornada uma obrigação, nem que ele a veja como tarefa. Conforme já afirmei, amamos naturalmente a liberdade, desde o berço, e temos, portanto, aversão a muitas coisas, não por outra razão, senão porque nos são impostas. Sempre imaginei que o *aprendizado* poderia ser transformado em brinquedo e recreação para as crianças e que elas poderiam ser levadas a desejar ser ensinadas, uma vez que lhes fosse proposto como algo que traz honra, confiança, prazer e recreação, ou como recompensa por fazerem outra coisa, e ainda, se não fossem jamais censuradas ou corrigidas por negligenciá-lo. Confirma-me esta opinião o fato de que, entre os *portugueses*, *aprender a ler* e escrever é costume e motivo de emulação entre as crianças, de modo que não podem impedir que elas o façam. Elas aprendem umas com as outras, e são tão atentas como

³ John Hopkins e Thomas Sternhold são poetas ingleses pouco conhecidos. Em 1548, Sternhold traduziu os Salmos em versos métricos; em 1549, Hopkins fez acréscimos. A tradução reunida apareceu em 1562, como anexo a um livro de orações que teve centenas de edições desde então. (N. T.)

se tal lhes fosse proibido. Lembro que, estando na casa de um amigo, cujo filho mais moço, uma criança em cueiros, não conseguia ser *levado* aos livros com facilidade (ele era ensinado a ler pela mãe, em casa), aconselhei a tentar outro caminho que não fosse requerer-lhe o estudo como obrigação. Deste modo, numa conversa proposital entre nós, sem dar por ele, mas de modo que nos ouvisse, declaramos que ser instruídos era privilégio e vantagem dos herdeiros e filhos mais velhos, que isto os tornava cavalheiros refinados e apreciados por todos; quanto aos irmãos menores, que era um favor dar-lhes boa criação, que serem ensinados a *ler* e escrever era mais do que lhes era devido, e que, se quisessem, podiam ser rústicos e bufões ignorantes. Isto operou tanto sobre o menino que desde então desejou ser ensinado, passou a ir por si próprio à mãe para *aprender*, e não deixava sossegada sua criada enquanto ela não o ouvisse em suas lições. Não duvido que algum método como este possa ser utilizado com outras crianças e que, uma vez desvendado seu temperamento, lhes possam ser instilados alguns pensamentos que as tornem, por si mesmas, desejosas do *aprendizado* e as faça buscá-lo como outro tipo de brinquedo ou diversão. Mas então, como afirmei antes, nunca lhes deve ser imposto como tarefa, nem transformado num problema. Pode haver dados com as letras, ou outros brinquedos, para ensinar-lhes o *alfabeto* através de brincadeiras; e vinte outras formas adequadas a seus temperamentos podem ser encontradas para fazer com que esse tipo de *aprendizado* seja para elas um *esporte*.

§. 149. Deste modo, as crianças podem ser levadas a conhecer as letras, sem se darem conta; ser *ensinadas a ler*, sem perceber que seja outra coisa senão uma brincadeira; divertirem-se com coisas pelas quais outras são açotadas. Não há que impor às crianças nada como trabalho ou coisas sérias; nem suas mentes e corpos podem suportá-los. Isto prejudica-lhes a saúde. E não tenho dúvida de que o fato de serem presas e forçadas aos estudos, numa idade de inimizade por qualquer restrição, é a causa porque muitas, depois, odeiam o estudo e o aprendizado por toda a vida. É como um empanzimento, que deixa atrás de si uma aversão que não pode ser removida.

§. 150. Pensei, portanto, que os *brinquedos*, que usualmente não são adaptados a qualquer finalidade, se o fossem a esta, poder-se-iam criar artifícios para *ensinar as crianças a ler*, enquanto pensassem estar apenas brincando. Por exemplo, por que não fazer uma *bola de marfim* como aquela da Loteria Royal-Oak,⁴ com trinta e duas faces ou, de preferência, uma com vinte e quatro ou vinte e cinco faces, e colar sobre várias destas faces um A, sobre várias outras um B, em outras um C e em outras um D? Proponho que comeceis somente com estas quatro letras, ou talvez apenas com duas, inici-

almente; quando ele as dominar perfeitamente, acrescentai, então, outra, e assim sucessivamente, até que, cada face tendo uma letra, esteja ali todo o alfabeto. Seria melhor que outros jogassem diante dele com esta bola e seria também conveniente fazer apostas para ver quem tiraria primeiro um A ou um B, como quando nos dados tira-se um seis ou um sete. Tratando-se de um jogo entre vós, não o inciteis a participar, a fim de que não o transformeis numa tarefa, pois não é recomendável que pense ser outra coisa que não um jogo de adultos. Assim, não tenho dúvida de que se há de interessar por ele espontaneamente. E para que ele possa ter ainda mais razões de considerar este jogo uma brincadeira na qual ele às vezes, por puro favor, é admitido, guardai a bola em lugar seguro, fora de seu alcance, tão logo o jogo termine, a fim de que não se torne algo banal, que ele pode ter a qualquer hora.

§. 151. A fim de manter-lhe a avidez por este jogo, deixai que ele pense ser para pessoas mais velhas que ele. E quando, através deste meio, saiba as letras, transformando-as em sílabas, pode *aprender a ler*, sem saber como o fez e sem ter jamais qualquer repreensão ou problema a este respeito, sequer aversão aos livros, em razão dos maus-tratos e vexações que lhe tenham causado. Se as observardes, vereis que as crianças dedicam grande esforço para aprenderem vários jogos que, se lhes fossem impostos, abominariam como tarefa e obrigação. Conheço uma pessoa de grande categoria (mais honorável por seus conhecimentos e virtudes do que por sua condição e elevada posição) que, grudando as seis vogais (pois na língua inglesa o Y é uma vogal) nos seis lados de um dado e as dezoito consoantes restantes, nos lados de três outros dados, fez para seus filhos uma brincadeira na qual ganha quem, num lance, faz mais palavras destes quatro dados. Desta maneira, seu filho mais velho, ainda pequeno (in Coats), *aplicou-se*, com grande avidez, *a soletrar*, sem jamais ter sido forçado ou admoestado.

§. 152. Vi meninas pequenas exercitarem-se juntas por horas e dedicarem grande esforço para tornarem-se expertas no assim chamado *jogo das pedrinhas*.⁵ Enquanto olhava, pensei ser necessário apenas algum bom artifício para fazê-las empregar toda aquela industriiosidade em algo que lhes pudesse ser mais útil; e parece-me que é apenas por culpa e negligência dos mais velhos que tal não acontece. As crianças tendem menos à preguiça do

⁴ Trata-se de uma loteria inglesa do final do século XVII, cujos resultados destinavam-se ao benefício da Companhia Real de Pesca. (N. T.)

⁵ Locke fala de *dibstones*, um jogo muito antigo, ainda hoje praticado pelas crianças londrinas, que guarda alguma semelhança com o que chamamos jogo das pedrinhas, também conhecido como cinco-marias, vassourinha e vários outros nomes regionais. Para jogar *dibstones*, eram usadas uma bola e quatro pedrinhas. (N. T.)

que os adultos; e são os adultos que devem ser culpados se alguma parte desta disposição operante não for transformada em coisas úteis, que geralmente poderiam ser tornadas tão atraentes quanto aquelas nas quais elas se empregam, contanto que os adultos tivessem, para indicar a trilha, pelo menos a metade da disposição que esses macaquinhos têm para segui-la. Imagine que, em outra época, algum *português* sábio tenha iniciado esse costume entre as crianças do seu país, onde, como já disse, contaram-me ser impossível impedir as crianças de *aprender a ler* e escrever. Outrossim, em algumas partes da *França*, elas ensinam-se mutuamente a cantar e dançar, desde o berço.

§. 153. Para começar, seria melhor que as letras grudadas sobre os lados dos dados ou dos polígonos⁶ fossem do tamanho daquelas da Bíblia no formato in-fólio, e que nenhuma fosse maiúscula. Uma vez que ele possa ler o que está impresso em tais letras, não ignorará por muito tempo as versais. No início, não se lhe deve confundir pela variedade. Com tal dado, poderíeis também ter um jogo como a Loteria Royal-Oak, o qual seria uma outra variedade, que jogaríeis por cerejas ou maçãs, etc.

§. 154. Além destas, poderiam ser inventadas vinte outras brincadeiras relacionadas a *letras*, e aqueles que aprovam este método, se o desejarem, podem facilmente criá-las e usar para esta finalidade. Entretanto, penso que os quatro dados mencionados acima são tão fáceis e úteis que será difícil encontrar algo melhor e haverá pouca necessidade de qualquer outra coisa.

§. 155. Quanto ao *aprender a ler*, portanto, que jamais deixeis que, para tanto, ele seja obrigado ou repreendido. Engambelai-o, se puderdes, mas não façais disso uma obrigação para ele. É melhor atrasar um ano *até que ele possa ler* do que, de tal modo, poder criar aversão ao aprendizado. Se tiverdes alguma competição com ele, que seja por questões momentosas, com relação à verdade e à boa índole; não lhe estabeleçais, pois, qualquer meta sobre o ABC. Empregai vossa habilidade para tornar-lhe a vontade flexível e maleável à razão; ensinaí-o a amar o crédito e a distinção, a abominar ser considerado molesto ou ignóbil, especialmente por vós e pela mãe; então, tudo o mais virá com facilidade. Penso, entretanto, que se fordes proceder assim, não podeis agrilhoá-lo e amarrá-lo com regras sobre questões insignificantes, nem repreendê-lo por cada pequeno erro, ou talvez por alguns que aos outros pareçam grandes. Sobre isto, no entanto, já disse o suficiente.

⁶ Aqui, Locke comete uma distração em relação aos conceitos geométricos. Os recursos a que se refere não são polígonos, figuras planas, mas poliedros, ou seja, sólidos limitados por polígonos. (N. T.)

§. 156. Quando, através desses métodos brandos, ele começar a ser capaz de ler, algum livro fácil e agradável, adequado a sua capacidade, deve ser posto em suas mãos, de tal modo que a diversão que encontre possa estimulá-lo e recompensar-lhe o esforço da leitura, e que não seja algo que possa encher-lhe a cabeça com ilusões perfeitamente inúteis nem deitar os princípios do vício e da tolice. Para esta finalidade, penso que o melhor são *As Fábulas de Esopo*, as quais, sendo estórias que tendem a deleitar e entreter a criança, podem ainda proporcionar reflexões úteis para o adulto. E, se a memória as retiver por toda a vida, ele não se há de arrepender por encontrá-las ali, entre seus pensamentos de homem e obrigações sérias. Se seu exemplar de *Esopo tiver figuras*, diverti-lo-á muito melhor e encoraja-lo-á a ler, trazendo um aumento de conhecimento. Pois é inútil e não tem qualquer satisfação ouvir falar de objetos visíveis, enquanto não tem deles qualquer idéia; e tais idéias não haverão de ser obtidas através de sons, senão através das coisas mesmas, ou de figuras. Portanto, penso que é conveniente, assim que ele comece a soletrar, que lhe sejam conseguidas tantas figuras de animais quanto possam ser encontradas, com seus nomes impressos nelas, o que há de convidá-lo a ler e, simultaneamente, proporcionar-lhe-á matéria de pesquisa e conhecimento. Outro livro que penso poder ser usado para a mesma finalidade é *Reynard the Fox*.⁷ E se aqueles que o rodeiam conversarem freqüentemente com ele a respeito das estórias que tenha lido, e se o escutarem contá-las, quando ele descobrir que há algum proveito e prazer no que lê, isto acrescentará, além de outras vantagens, estímulo e prazer à sua *leitura*. Estas iscas parecem completamente negligenciadas no método ordinário e usualmente demora muito até que os aprendizes encontrem alguma utilidade ou prazer que possa atraí-los à leitura. Assim, tomam os livros apenas como diversões em voga ou como problemas impertinentes que não servem para nada.

§. 157. É necessário que o menino aprenda perfeitamente de cor o Pai-Nosso, o Credo e os Dez Mandamentos, mas penso que não deve ser

⁷ Aqui, Locke refere-se à sátira francesa *Le Roman de Renard* (O Romance da Raposa), um conjunto de fábulas com aproximadamente cem mil versos, compostos por vários autores anônimos, em francês, entre 1175 e 1250. Este romance é um bom exemplo da literatura dos séculos XI e XII, onde já se pode perceber a tematização das transformações que estão a ocorrer no mundo feudal, como resultado do seu próprio desenvolvimento. Impõem-se novos comportamentos e configuram-se novas figuras sociais. A educação, acompanhando tal processo, se reorganiza para atender às necessidades do momento, já colocando os marcos da formação educativa do homem burguês. Neste contexto, a sátira burguesa *Le Roman de Renard* é um bom exemplo para que se possa visualizar a forma educativa que se estabelece para o homem burguês, no momento mesmo da sua origem. Deste modo, considerando-se tal romance como uma reação contra o espírito feudal da época, não é de surpreender que Locke o indique como veículo da educação pela qual propugna.

lendo-as por si próprio na sua cartilha, mas alguém repetindo-as para ele, ainda antes que possa ler. Entretanto, penso que aprender de cor e *aprender a ler* não devem ser confundidos, de modo que um não obstaculize o outro. O *aprendizado da leitura* deve tornar-se para ele o menos possível um problema ou uma obrigação.

Não sei que outros *livros* há em *inglês*, do tipo desses mencionados acima, próprios para *se adequarem* ao gosto das crianças e incitá-las a *ler*. No entanto, sendo as crianças ainda submetidas ao método das escolas onde, para levá-las a aprender, é ressaltado o medo do látego e não o prazer do ofício, inclino-me a pensar que este tipo útil de livro, misturado ao grande número de livros frívolos que há de todas as espécies, tem ainda a sina de ser negligenciado. E que eu saiba, nada deste tipo foi considerado, senão o caminho ordinário do livro-de-chifre,⁸ da cartilha,⁹ do saltério, do Novo Testamento e da Bíblia.

§. 158. Com relação à *Bíblia*, à qual geralmente aplicam-se as crianças a fim de exercitar e melhorar seus talentos de *leitura*, penso que a leitura contínua e indiscriminada, por capítulos, na ordem em que aparecem, está tão longe de trazer qualquer proveito para as crianças, tanto no aperfeiçoamento da *leitura* quanto em principiá-las na religião, que talvez nada pior possa ser encontrado. Pois que prazer e estímulo pode ser, para a criança, exercitar-se lendo aquelas partes que ela não entende de um livro? E como são pouco apropriadas para a capacidade de uma criança, no Velho Testamento, a Lei de *Moisés*, o cântico de *Salomão* e as Profecias, e no Novo, as Epístolas e o Apocalipse! E embora a História dos Evangelistas e os Atos tenham algo mais fácil, ainda assim, tomados em conjunto, são muito desproporcionais ao entendimento da puerícia. Admito que os princípios da religião devem ser dali extraídos, e na linguagem da escritura; mesmo assim, nenhum princípio deve ser proposto à criança, senão aqueles que sejam adequados a sua capacidade e noções. Está longe disso, entretanto, ler consecutivamente *toda a Bíblia*, e apenas para a prender a ler. E que estranha confusão de pensamentos – se é que ele tem algum, como deveria, em relação à religião – deve haver na cabeça daquele que, em tenra idade, lê indiferentemente, como palavra de Deus, todas as partes da Bíblia, sem qualquer outra distinção! Tendo a pensar que, para alguns homens, tenha sido esta a

⁸ Fazemos aqui uma tradução literal de Horn-book, ou seja, um material didático antigo, semelhante a uma cartilha, consistindo, porém, de uma só folha, onde normalmente eram impressos o alfabeto e o Pai-Nosso. Sobre esta folha, havia um quadro de madeira, como uma lousa. Por fim, como proteção externa contra o desgaste, havia uma capa transparente de tecido córneo. (N. T.)

⁹ No tempo de Locke, o livro de oração, acrescido de temas mundanos, era geralmente usado como livro escolar, sendo empregado como cartilha. (N. T.)

exata razão porque jamais tiveram pensamentos claros e distintos sobre este assunto, durante toda a vida.

§. 159. E agora que, por casualidade, caí neste assunto, concedei-me a oportunidade de dizer que há algumas partes da *Escritura* que podem ser apropriadas para colocar nas mãos de uma criança, a fim de incitá-la a ler, tais como: a história de *José* e seus irmãos, de *Davi* e *Golias*, de *Davi* e *Jonas*, etc; e outras, que se deve fazer que leia para sua instrução, como *Tudo quanto desejais que os outros vos façam, fazei-o, vós também, a eles*;¹⁰ e outras regras morais simples e fáceis que, sendo adequadamente escolhidas, podem ser freqüentemente usadas, tanto para a leitura quanto para a instrução. E que as leia tão seguidamente até que se lhe fixem completamente na memória; mais tarde, então, conforme esteja maduro para elas, que lhe sejam inculcadas, em ocasiões adequadas, como as regras perenes e sagradas para sua vida e suas ações. É, pois, a leitura de toda a *Escritura*, indiferentemente, o que penso ser bastante inconveniente para as crianças, enquanto não lhes tenha sido dado conhecer suas partes mais simples e fundamentais e, assim, obterem uma certa visão geral sobre em que, principalmente, devem acreditar e o que praticar. Penso, ainda, que devem receber tais ensinamentos nas próprias palavras da *Escritura*, e não naquelas que homens pré-influenciados por sistemas e analogias poderão usar e impor-lhes. A fim de evitar isto, Dr. *Worthington* fez um catecismo que tem todas as respostas precisamente nas palavras da *Escritura*, algo que, além de um bom exemplo, é uma forma tão salutar de linguagem a que nenhum cristão poderá opor-se como inadequada para o aprendizado de uma criança.¹¹ Assim que seja capaz de dizer de cor o Pai-Nosso, o Credo e os Dez Mandamentos, pode ser adequado que ele aprenda uma dessas perguntas por dia, ou por semana, conforme seu entendimento seja capaz de recebê-las e sua memória de retê-las. E, quando ele tiver o catecismo perfeitamente de cor, de modo a responder pronta e plenamente a qualquer pergunta de todo o livro, pode ser conveniente depositar-lhe na mente as demais regras morais, dispersas aqui e ali na *Bíblia*, sendo este o melhor *exercício para sua memória* e podendo sempre consistir em regras sempre à mão para qualquer conduta de sua vida.

§. 160. Quando ele puder ler bem em inglês, será época de iniciá-lo na *escrita*. E aqui, a primeira coisa que lhe deve ser ensinada é *segurar*

¹⁰ Locke não indica a fonte, mas trata-se de Mt. 7, 12 e Lc. 6, 31. (N. T.)

¹¹ John Worthington nasceu em 1618 e morreu em 1671. Embora tendo recebido esta menção favorável de Locke, seu catecismo, publicado postumamente em 1673, é, segundo J. W. Adamson (*The Educational Writings of John Locke*, Cambridge, 1922, p.122), "na forma e no conteúdo, deveras inadequado para crianças." (N. T.)

corretamente a caneta; e deve fazê-lo com perfeição, antes que lhe seja permitido aplicá-la ao papel, pois não só as crianças, senão qualquer um que queira fazer bem alguma coisa, não deve ser aplicado a elas em demasia de uma só vez, nem ser colocado a aperfeiçoar-se simultaneamente em duas partes de uma ação, se há possibilidade de separá-las. Penso que o modo *italiano* de segurar a caneta, unicamente entre o polegar e o indicador, pode ser o melhor. Nisto, entretanto, deveis consultar algum bom mestre de escrita ou qualquer outra pessoa que escreva bem e rápido. Tão logo ele tenha aprendido a segurar corretamente a caneta, na próxima etapa, deveria aprender a como *colocar o papel e posicionar o braço e o corpo*. Superadas estas práticas, o modo de ensiná-lo a escrever sem muito problema é tomar uma prancha gravada com os caracteres na caligrafia que preferirdes. Deveis lembrar, no entanto, de tê-los maiores do que aqueles que ele há de escrever ordinariamente, pois é natural que todos, paulatinamente, venham a escrever com uma caligrafia menor – e nunca maior – da que lhe foi inicialmente ensinada. Uma vez gravada tal prancha, fazei imprimir dela, em tinta vermelha, várias folhas de um bom papel de escrita, de tal sorte que ele não tenha mais a fazer do que passar por cima, com uma boa caneta com tinta preta. Desde que primeiramente lhe seja mostrado onde começar e como formar cada letra, isto rapidamente acostumará sua mão à formação dos caracteres. E, quando ele for capaz de fazê-lo bem, deve então exercitar no papel em branco; assim, pode ser facilmente levado a *escrever* com a caligrafia que desejares.

Avelino da Rosa Oliveira e **Gomercindo Ghiggi** são professores de Filosofia da Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Com vários trabalhos de parceria, publicaram em co-autoria "*Locke e o conceito de disciplina ou os pressupostos da educação burguesa*", em Cadernos de Educação, n.4 e o livro "*O conceito de disciplina em John Locke*", pela EDIPUCRS, em 1995. Ambos são mestres em Filosofia (PUCRS) e doutores em Educação (UFRGS).

E-mails: avelino.oliveira@ufpel.edu.br
gghiggi@terra.com.br